

ESPIRITISMO E A LITERATURA: FERNANDO DO Ó E O IDEAL ESPÍRITA.

Renan Santos Mattos¹

Resumo: O artigo tem por objetivo analisar a edificação de uma identidade espírita tendo por referência o romance “Uma luz no meu caminho”, escrito por Fernando Souza do Ó, em 1963, e editado pela Federação Espírita Brasileira. Nesse sentido, ao tencionar as relações entre história e literatura espírita, busca-se tanto discutir os valores e o projeto de identidade espírita quanto delinear o alinhamento da liderança espírita à Federação Espírita Brasileira – FEB como representatividade oficial do espiritismo no Brasil.

Palavras-chave: Literatura; Espiritismo; Identidade.

SPIRITISM AND LITERATURE: FERNANDO DO Ó AND THE SPIRITIST IDEAL.

Abstract: The article aims to analyze the building of a spiritist identity based on the novel "A light in my path", written by Fernando Souza do Ó, in 1963, and edited by the Brazilian Spiritist Federation. In this sense, by intending the relations between history and spiritist literature, we seek both to discuss the values and the spiritist identity project and to outline the alignment of spiritist leadership to the Brazilian Spiritist Federation – FEB as the official representative of spiritism in Brazil.

Keywords: Literature; Spiritism; Identity.

ESPIRITISMO Y LITERATURA: FERNANDO DO Ó Y EL IDEAL ESPÍRITISTA.

Resumen: El artículo tiene como objetivo analizar la construcción de una identidad espiritista con referencia a la novela “Uma luz na meu Caminho”, escrita por Fernando Souza do Ó, em 1963, y editada por la Federación Espírita Brasileña. En este sentido, al proponer las relaciones entre historia y literatura espírita, se busca tanto discutir los valores y el proyecto de identidad espírita como perfilar la alineación del liderazgo espírita con la Federación Espírita Brasileña - FEB como representación oficial del espiritismo en Brasil.

Palabras llave: Literatura; Espiritismo; Identidad.

Introdução

Nossas reuniões não tinham caráter experimental. Reuníamos-nos para comentários à Doutrina de Allan Kardec. Debatíamos tudo o quanto interessasse o nosso progresso espiritual e o aprimoramento de nossas pobres almas em débito com Deus e para com os nossos semelhantes. Nosso esforço não se confinava na pauta do verbalismo improdutivo. Ao mesmo tempo que perlustrávamos a monumental obra de Kardec e de seus seguidores, atendíamos de outro, os que nos procuravam aflitos, desesperados, baldos de recursos quando nossos meios permitiam. (Ó, 2005, p. 12)

O trecho, escrito em 1959, dez anos após o celebrado Pacto Áureo², é paradigmático do que denominamos de epistemologia intelectual de Fernando do Ó. Ao materializar o cotidiano de um grupo de estudo de espiritismo na cidade de São Gabriel, cidade localizada no estado do Rio Grande do Sul, traz indicações da escrita identitária de Fernando do Ó.

A narrativa permite elencar alguns elementos da definição do que seria o espiritismo: a escolha da obra de Kardec como referência suprema e básica, e a busca por romper o “verbalismo” como uma prática social capaz interferir na dinâmica social, mediante o auxílio moral e material em que se vislumbra a conceituação de uma ética espírita.

O espiritismo pode ser entendido como o conjunto de princípios e conceitos elaborados por Allan Kardec cujo plano teórico é recorrentemente associado ao tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso, características que permitiram sua difusão sobre as classes médias urbanas e intelectualizadas brasileiras entre o

¹ Doutor em história pela Universidade Federal de Santa Catarina (2019). Tutor à distância do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria e professor de história da rede pública do Estado do Rio Grande do Sul. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: renansnatos@gmail.com.

² “Pacto Áureo” refere-se a “um acordo estabelecido, em 1949, entre a Federação Espírita Brasileira (FEB) e federativas estaduais que conferiu à primeira um poder sem precedentes no Espiritismo brasileiro, através de um Conselho Federativo Nacional (CFN) subordinado à chamada “Casa Mãe” (epíteto consagrado à FEB). (MIGUEL, 2012, p. 23).

fim do século XIX e meados do século XX³. (ARRIBAS, 2008; DAMAZIO, 1994). Segundo Arribas (2008), o problema central do espiritismo é o entendimento entre o mundo dos vivos e o além, tendo como fundamentos a existência de espíritos, a imortalidade da alma, a pluralidade de vidas e a reencarnação.

Teoricamente falando, a proposta de historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance, corresponde a dar sentido a seu espaço de produção, a sociedade, contemplar dinâmicas e redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas inseri-la nessa perspectiva de como constrói ou representa a sua relação com a realidade social. (CHALHOUB, PEREIRA, 1998, p. 7)

O ideal espírita converge para a noção de identidade enquanto construção, ou seja, um projeto identitário que almeja a imposição da leitura “legítima” do mundo social. Seguimos a proposta de Pierre Bourdieu, em que

a eficácia do discurso performativo que pretende fazer acontecer o que enuncia no próprio ato de enunciá-lo é proporcional à autoridade daquele que o enuncia: a fórmula "eu o autorizo a partir" constitui e o ipso uma autorização quando aquele que a pronúncia está autorizado a autorizar, tem autoridade para autorizar. Mas o efeito de conhecimento exercido pelo fato da objetivação no discurso não depende apenas do reconhecimento concedido àquele que o detém; depende também do grau com que o discurso anunciador da identidade do grupo está fundado na objetividade do grupo ao qual está endereçado, ou seja, tanto no reconhecimento e na crença que lhe atribuem os membros desse grupo como nas propriedades econômicas ou culturais por eles partilhadas (BOURDIEU, 1998, p. 111).

Frente a tal esclarecimento das relações do livro enquanto fonte e objeto do historiador analisamos o texto literário como projeto identitário. Entendemos a escrita de Fernando do Ó como uma forma de trazer pistas sobre o esforço de nomeação da realidade quanto estabelecer uma unidade da identidade espírita. A escrita literária aparece como indiciária das visões de mundo de quem escreve, suas apreensões sobre a sociedade e, sobretudo, sobre o espiritismo e o espírita.

Artur Isaia (2019) destaca, citando Nicolau Sevcenko, a criação literária numa perspectiva extratextual. Assim, “é a sociedade, os valores socialmente vivenciados, as crenças socialmente orientadas, que municiam o escritor para a recriação imaginária”. (ISAIA, 2019, p.4). Desse modo, Sandra Pesavento (2008, p. 82) enfatiza que a literatura possibilita “à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos.” Portanto, perguntou-se para a escrita de Fernando do Ó: Qual a identidade espírita e qual a compreensão sobre a sociedade?

A partir disso, o artigo analisa a obra “Uma luz no meu caminho”, escrita por Fernando do Ó e publicado pela Editora da Federação Espírita Brasileira (FEB), na incumbência de contribuir acerca de temas que problematizam a presença da literatura espírita no caldo cultural brasileiro, porém, não lidamos com a perspectiva de reflexão sobre a recepção do texto. Assim, busca-se tanto analisar a proposta de edificação de uma identidade espírita bem como assinalar como tal proposta endossa a perspectiva da Federação Espírita Brasileira como órgão representativo do espiritismo brasileiro.

A literatura mediúnica como fonte do historiador: os espiritismos e a escrita de Fernando do Ó.

A relação espiritismo e letramento é uma associação recorrente. Nesse sentido, Bernardo Lewgoy (2000, p. 101) assinala a proficuidade de tal perspectiva ao situar que “a colocação do problema da escrita supõe uma discussão de sua inserção na sociedade brasileira, a partir de um prisma analítico que leve em consideração a distribuição desta relação no campo religioso”. A noção das identidades religiosas enquanto projetos identitários, de acordo com Artur Isaia (2016, p. 115), amparado em Bourdieu, correspondem às narrativas prescritivas de instituição da realidade social. Nesse sentido, analisamos como se dá a inserção de Fernando do Ó no cenário literário do espiritismo, dimensionando os campos de disputa e as delimitações do que é o espiritismo e o que não é espiritismo.

O espiritismo consolidou-se, no Brasil, como uma alternativa religiosa presente na sociabilidade urbana, que se sustentou no saber letrado e na formação erudita, com ampla valorização das práticas de estudo e leitura (LEWGOY, 2000). Nesse sentido, a literatura espírita, tanto na Europa quanto no Brasil, passa a frequentar o horizonte intelectual, o gosto e o interesse de crescentes segmentos letrados (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009).

³ Os cinco denominados livros da codificação espírita são: Livro dos Espíritos (1857), Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), O céu e o inferno (1865) e A Gênese (1868). Tal termo de uso nos meios espíritas relaciona-se que Kardec foi responsável pela organização e sistematização do espiritismo. Ver sobre isso Arribas (2008)

O *Livro dos Espíritos* aporta no Brasil por intermédio dos imigrantes franceses, portanto surge no âmbito do “prestígio econômico, social e cultural” (DAMAZIO, 1994, p. 65), e contemporânea a um contexto bastante específico dos anos de 1860 (DAMAZIO, 1994; GIUMBELLI, 1997; ARRIBAS, 2008), quando o ideário de modernização inaugurado com a chegada da Família Real (1808), consolida-se no Rio de Janeiro, e as novidades da Europa e ideias como o Darwinismo, o Positivismo e o Cientificismo passaram a fazer parte das elites do império.

Assim, a partir de 1870, o espiritismo ascende no cenário social e cultural do Rio de Janeiro, divergindo e dialogando com as diversas correntes filosóficas do presente contexto, arregimentando seguidores, levantando suas causas e bandeiras. Em 2 de agosto de 1873 foi fundado o primeiro grupo oficializado de estudos espíritas no Rio de Janeiro, a Sociedade de Estudos Espíritas – Grupo Confúcio, que logo assumiu o encargo de divulgar a doutrina de Kardec, priorizando, para tanto, a tradução e publicação das obras do codificador. Além disso, o grupo organizou uma publicação mensal, a *Revista Espírita*, lançada em 1875 e que teve apenas seis números publicados (DAMAZIO, 1994, p. 104).

No interior desse grupo carioca de estudos do Espiritismo originaram-se divergências quanto à interpretação e a prática social-doutrinária das obras de Kardec, que caracterizariam “as disputas intestinas” do movimento espírita brasileiro nas décadas posteriores. Inaugura-se assim um longo trajeto de definição do que é ser espírita no Brasil. Em 1876 os denominados religiosos rompem com o Grupo Confúcio, e criam a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade. As diferenças internas geram grupos ainda mais complexos e com posicionamentos diferentes em relação a temas diversos, sendo o mais conhecido os embates entre místicos e científicos⁴.

Na década de 1880, diante desse quadro, iniciaram-se os primeiros esforços com o intuito de promover a unidade doutrinária e reunir, de maneira institucional, os adeptos e grupos dispersos. Assim, a Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada em 1884, toma para si o controle do Movimento Espírita Brasileiro. Paralelo a isso, *O Reformador*⁵ tornou-se seu canal de divulgação tanto no sentido de defesa do espiritismo contra os opositores quanto meio de difusão da perspectiva de condução e unificação do espiritismo, obviamente, repleto de tensões e disputas.

Nesse sentido, Fábio Luiz da Silva (2005) analisa o processo através do qual a FEB conquistou a hegemonia no cenário espírita nacional, resultado de uma série de conflitos e tensões, entre os quais inclui o investimento na literatura espírita. Desse modo, Silva destaca que a constituição da Federação Espírita Brasileira como liderança reconhecida deu-se de forma lenta e gradual, através de diversas estratégias adotadas por seus dirigentes de modo a viabilizar a inserção social do espiritismo no Brasil.

Interessa-nos, desse jogo de disputas, o quanto a prática da caridade e o auxílio aos necessitados emergiu tanto como elemento de unificação dos diversos grupos espíritas quanto representou uma definição de intervenção social. Nesse sentido, ao discutir o sentido da caridade do movimento espírita, Gil (2008), destaca que o lema “fora da caridade não há salvação” tornou-se o preceito central da FEB diante da consolidação de uma orientação religiosa para o movimento espírita.

Essa discussão institucional traz um ponto significativo da historiografia do espiritismo: a invenção do intelectual espírita e a literatura espírita. Nesse sentido, pretendemos apontar caminhos sobre o uso de práticas letradas e o status simbólico no contexto de organização do movimento espírita. Sendo assim,

ao longo do século XX, desenvolveu-se no Brasil uma literatura que funciona como mediúnic; ela é escrita por pessoas consideradas médiuns, que atribuem a autoria dos textos aos espíritos de escritores “mortos”; seus editores assumem a autenticidade da atribuição e, para complementar o ciclo, seus leitores leem os livros presumindo que os autores são os espíritos. (ROCHA, 2008, p. 15).

A literatura vincula-se às tensões do campo religioso e sua pluralização em fins do século XIX. Para Lewgoy (2000), o espiritismo kardecista não é apenas uma “Religião do Livro”, mas uma religião dos livros, da leitura e da escrita. E, segundo o autor, o investimento em torno de práticas letradas é fundamental para a constituição do capital simbólico, decorrente da conciliação de fé e ciência, assim como a valorização do saber considerando uma sociedade marcada pelo analfabetismo e a desigualdade social.

Obviamente, ainda segundo Lewgoy, tal ponto converge à estruturação da literatura espírita e sua ligação com a legitimação religiosa e divulgação do espiritismo-cristão historicamente construído e configurado

⁴ Para mais informações ver Arribas (2008); AMORIM (2017).

⁵ Segundo Amorim (2017, p. 75), o jornal foi fundado em 21 de janeiro de 1883, pelo fotógrafo português Augusto Elias da Silva, com recursos próprios, com redação e oficinas localizadas no seu atelier fotográfico, situado na rua da Carioca, nº 120, 2º andar, na cidade do Rio de Janeiro, onde morava com sua família. No ano seguinte, o jornal foi doado por seu proprietário à Federação Espírita Brasileira, criada em 2 de janeiro daquele ano, por iniciativa de Augusto Elias da Silva e mais onze companheiros, tornando-se, assim, órgão oficial e porta-voz da FEB.

no cenário cultural Brasileiro. Lewgoy (2000) ainda incita problemáticas sobre a oposição oralidade e escrita como elemento de inflexão das práticas espíritas, cujo ápice se revela na escrita psicográfica, emblema do encontro dos dois mundos: mundo espiritual e o mundo material. E ao discorrer sobre a constituição de um novo modelo editorial, crucial para entender a cultura bibliográfica em processo no âmbito do espiritismo brasileiro, afirma que:

sustento que a afinidade estrutural entre os modos de narrar espírita e o romance de folhetim emana da dinâmica interna do sistema de crenças espíritas, assim como de sua específica construção da noção de pessoa. Resguardando-se as diferenças pragmáticas nas intenções comunicativas e nas modalidades de recepção pelo público leitor, há diversos laços formais, semânticos e temáticos entre o romance popular e as narrativas espíritas. A hipótese da instrumentalização das narrativas escritas à serviço da divulgação dos ideais espíritas é interessante na medida em que une uma forma literária popular com uma doutrina cuja exposição nem sempre é de fácil leitura, atingindo, portanto, a um público que não se familiarizaria com o espiritismo de outra forma. (LEWGOY, 2000, p. 128).

André Víctor Cavalcanti Seal Cunha, em sua tese sobre a construção da autoralidade de Chico Xavier, acompanha a estruturação editorial febiano no âmbito de um processo histórico tomado pela complexidade e diversidade. Se inicialmente o regime de escrita seguia o status convencional, consolidava-se de um projeto de literatura comprometido com a configuração religiosa do Espiritismo no Brasil e em consonância da atuação ativa de intelectuais, e aos ideais de progresso, esclarecimento e salvação da sociedade brasileira. Nesse ponto, referenciando o conceito de interautoria de Bernardo Lewgoy, Cunha destaca a instituição de uma autoralidade compartilhada, em que autores espíritos passam a ocupar o espaço público. Esse projeto trata-se da “invenção coletiva da qual participaram variados sujeitos, dentre eles, intelectuais ligados ao movimento espírita, editores e leitores”. (CUNHA, 2015, p. 25).

Andre Cunha conclui que, diante da diversidade de literatura espírita, o projeto editorial febiano incentivou a produção literária e a sua massificação, sobretudo, na gestão de Manuel Quintão e Guillon Ribeiro em que a intensificação de produção de livros, de traduções e a disseminação de tipografias, editoras, comentários no próprio *Reformador* indicam a aposta da FEB “para fazer frente aos seus interlocutores, internos e externos ao movimento espírita organizado. Dentre estes últimos, a Igreja Católica figurou como o mais destacado agente do campo religioso a solicitar uma contraposição” (CUNHA, 2015, p. 270)

Pedro Paulo Amorim (2017) destaca a proeminência das ações da FEB na produção e reedição de livros e revistas, sobretudo a partir de 1939, com o investimento em máquinas impressoras próprias em prédio localizado na Avenida Passos, nº 30, na cidade do Rio de Janeiro. Como parte importante desse processo, em 1948, a FEB inaugurou o Departamento Editorial, localizado no bairro de São Cristóvão. Nesse sentido, nas palavras de Pedro Paulo Amorim (2017, p. 107), a instituição “buscava inserir-se no mercado editorial brasileiro, principalmente o religioso, mas, também do significativo aumento de sua pujança econômica, destacando-se cada vez mais no interior do Campo Espírita Brasileiro”.

Além disso, o que nos instiga é justamente o letramento como marca distintiva na identidade espírita. Pedro Paulo Amorim (2017, p. 47) enfatiza o projeto da FEB em “inculcar, pela leitura, em seus membros afiliados e naqueles leitores eventuais das obras e textos por ela editados, a definição do que é ser espírita ou não.” Desse modo, na tensão entre a criação e os ditames parte dos autores, editores, impressores e autoridades sobre a correta leitura dos textos e da identidade espíritas que encaramos o reconhecimento de Fernando do Ó como escritor espírita.

Esse aspecto remete às contribuições de Paula Montero (2006) sobre a presença da magia na constituição do campo religioso brasileiro. Nesse modo, Montero revela que a estruturação do mercado religioso brasileiro decorreu de uma compreensão ideal de religião, vinculado ao catolicismo, o que implicou na definição e proteção do que é visto como religioso e da perseguição do que é mágico em acorde com o previsto no Código Penal de 1890⁶. Assim, entendemos que o livro, a leitura e a caridade espírita orbitam na legitimação social do espiritismo na sua definição como religião e reconhecimento social.

Emerson Giumbelli (1997) percorre o processo de legitimação das práticas espíritas considerando que as mesmas estavam imersas em diferentes fronteiras discursivas, sendo assim, diferentes agentes sociais como médicos, juristas e agentes policiais classificaram e estabeleceram o termo de “baixo espiritismo” como categoria não amparada no quesito de liberdade religiosa. A esteira dessa tensão, o conceito de verdadeiro ou falso espiritismo orientou a atuação efetiva da FEB.

Célia Arribas (2014) delimita a história do espiritismo brasileiro a partir de elementos externos e internos na sua conformação religiosa. Nesse sentido, nessa dinâmica, tanto a emergência de lideranças com

⁶ Há uma interessante discussão sobre o impacto do Código Penal prever a criminalização das práticas espíritas. Para mais informações ver Giumbelli (1997).

afinidades ao pensamento cristão quanto disputas com o saber médico, a igreja católica e os constrangimentos jurídicos de práticas ilegais da medicina delinearam o processo de formatação religiosa no Brasil. Portanto, o endosso aos aspectos religiosos representou uma ação religiosa orientada para o bem e para a caridade representaram formas de afastar-se das ideias de exploração, de enganação e de crimes de saúde pública.

É nesse cenário de delimitação de fronteiras identitárias que Fernando Souza do Ó emerge como liderança espírita com a finalidade de indicar o verdadeiro espiritismo. Oriundo da cidade de Campina Grande no estado da Paraíba, chegou a Santa Maria em 1913, como terceiro sargento do Sétimo Regimento de Infantaria. Nesse contexto, conheceu Maria Altina, em 1913, casou-se em 1915. Nesse sentido, em 1932 consolidou-se um novo papel social. O bacharelado em direito na faculdade de Pelotas é paradigmático de sua inserção política e intelectual na cidade de Santa Maria, localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul (MATTOS, 2020).

Além dos aspectos profissionais, é significativa a presença no cenário cultural e da cidade de Santa Maria. Como articulista semanal, colaborou junto ao *Diário do Interior* e *A Razão*, jornais de proeminência local. Sua produção literária é vasta tanto na literatura, crítica literária e peças teatrais, destacamos sete romances espíritas entre 1930-1960: *A dor do meu destino*, *E as vozes falaram*, *Almas que voltam*, *Marta*, *Apenas uma sombra de mulher*, *Alguém chorou por mim* e *Uma luz no meu caminho*.

Fernando do Ó empenhou-se no estudo e na divulgação da doutrina elaborada por Allan Kardec, atuando incisivamente na cidade de Santa Maria em palestras, escritas, debates e na composição de gestão de instituições espíritas da cidade de Santa Maria. Essa posição de destaque pode ser constatada na nota a seguir

Perante grande assistência realizou anteontem na sede da Aliança Espírita Santa-mariense, a Sessão de Comemoração da morte de Allan Kardec. A sessão foi prestigiada por Octacílio de Aguiar. Falou o tenente Daniel Cristovão. Depois usaram a palavra o Sr. João F. Souza, Aristides Lemos e Fernando Souza do Ó. A este último foi oferecida uma pasta em sinal de gratidão da família espírita pelo muito que tem feito pela doutrina espírita (DIÁRIO DO INTERIOR, 1933, p. 3).

O conceito de porta-voz autorizado evidencia-se como fundamental, considerando o desejo de Fernando do Ó em ter o reconhecimento para falar/escrever em nome do espiritismo na cidade. Dessa forma os escritos de Fernando do Ó emergem como o esforço em legitimar uma visão de espiritismo. Nesse sentido, Bourdieu evidencia o campo de lutas e conflitos em torno da maneira que se quer “legítima” de percepção e de classificação do mundo (BOURDIEU, 2001, p. 9), logo, os agentes dispõem-se, entre táticas e estratégias, em busca da aquisição de capital simbólico.

Fernando do Ó, além dos ditames da criação literária, de construir camadas de personagens e narrativas, dedicou-se a problemas dos intelectuais espíritas de sua geração de lideranças religiosas que emergiram com a pluralização do campo religioso, sobretudo, a partir da década de 1930. O que é espiritismo? O que é caridade? Qual o papel do espiritismo? Todo o esforço em responder tais indagações fica saliente em seu esforço narrativo em torno em estabelecer as fronteiras da identidade religiosa do espiritismo. Sendo assim, a escrita de Fernando do Ó mostra-se engajada em assinalar e ensinar sobre os elementos doutrinários do espiritismo.

Personagens, grupos sociais e lugares revelam-se como indícios interdiscursivos da leitura a sociedade o que potencializa a possibilidade de análise sobre como Fernando do Ó transita no campo literário espírita, capaz de significar uma interpretação peculiar de conceitos espíritas para o seu universo intelectual e para os fins específicos, traduzindo seus interesses ao lê-la (ISAIA, 2016).

É importante retomar as mudanças históricas do campo religioso brasileiro e a questão da sua constituição. A emergência do espiritismo no campo religioso brasileiro foi marcada pela ampliação do mercado religioso brasileiro e disputas no que será reconhecido pelo Estado, ou seja, amparado pelo princípio da liberdade religiosa. Diante desses esclarecimentos, o presente artigo insere-se em pensar as disputas travadas em torno da legitimidade em falar em nome do espiritismo, algo em construção e reconstrução ao longo da história do espiritismo. Inferimos, assim, a análise de “Uma luz no meu caminho” como sintomático do alinhamento de Fernando do Ó às perspectivas delineadas pela Federação Espírita Brasileira (FEB). Dessa forma, a literatura aparece como o meio e o esforço de um grupo para impor o consenso do que é o verdadeiro espiritismo.

O ideal sacrossanto e a exegese identitária: o espírita e os espiritismos de Fernando do Ó

O livro escrito por Fernando do Ó se passa no início da década de 1960. Fins de um novo século, nas palavras do narrador do livro. Nesse sentido, é oportuno conectar o momento dos personagens com os sinais de crise da política populista, visivelmente retomados no livro a partir das relações de trabalho vividas na fábrica de bonecas onde se passa o enredo, e a ação dos espíritas são diagnosticados como primordiais no curso da história humana.

A narrativa persegue tons melodramáticos, delineados pela divisão do mundo entre bem e o mal, e a consequente “heroicização” dos personagens. Em artigo sobre a literatura umbandista, Artur Isaia (2019, p. 6-7) destaca a hipótese de aproximação da literatura religiosa “com o público familiarizado com as personagens e situações presentes nos romances ligeiros ou nas radionovelas no Brasil da primeira metade do século XX”. Não há intencionalidade de refletir sob a perspectiva estética, literária ou a recepção da obra de Fernando do Ó.

Assim, a última obra assinado pelo autor e editada pela Federação Espírita do Brasil em 1963, segue a estrutura dos romances anteriores, capítulos sem título, com um pequeno detalhe, nele é evidente uma perspectiva utópica, carregada de um diagnóstico moral, tendo como eixo pontos como o casamento, a relação amor e sexualidade, bem como o papel do espiritismo enquanto motor da história humana.

É justamente esse ponto indiciário do que denominamos epistemologia de Fernando do Ó e que vamos explorar alguns elementos nessas considerações da obra “Uma luz no Meu caminho”. O enredo romanesco responde às exigências dos personagens que se cruzam a partir da problemática do espiritismo e das reencarnações⁷. Narrado em terceira pessoa, somos conduzidos a encontros e desencontros de uma leitura em grupo acerca do espírito, e as redes de afetos em que se estabelecem, tendo como referência duas personagens femininas centrais: Lisiane e Consuelo.

Tecendo as múltiplas vivências, experiências de seus personagens, o narrador descortina a “essência” que marcaria o espiritismo, designado pelo evidenciar das práticas, sob a referência da caridade como fundamental na subjetividade do espírito. Por isso, ler as minúcias do romance espírito é de tamanha complexidade, e centramos nossa análise em torno do que os personagens denominaram de “ideal sacrossanto”, tido como a revelação do limiar do novo século, e a missão a que estarão engajados os personagens centrais na cidade do Rio de Janeiro.

O capítulo inicial é uma sumária apresentação e descrição do mundo espiritual. Sileno e Lisiane transitam em torno de sua projeção reencarnacionista no desenrolar da década 60. Em meio à conexão dos personagens Sileno e Lisiane, Fernando do Ó conduz a narrativa sobre as concepções do além, edificados e demarcados pelos ideais de cientificidades:

O último pavilhão da direita, onde funcionava, anexo ao Instituto de Pesquisas Espirituais, o Departamento Especializado de Preparação Reencarnatória Superior. No conjunto, o majestoso edifício, que demorava em sublime região espiritual, dava a impressão de um gigantesco bloco de um Hospital de Clínicas. (Ó, 1995, p. 7).

A narrativa assume tons de sacralidade, ao transitar entre imagens, sons que endossam o sentido de missão e desígnios divinos dos personagens, selando a junção de almas frente à eternidade, e marcado por propósitos denominados de santidade:

Vibravam no ar, tocadas de doces claridades, suavíssimas harmonias que lhes chegavam aos corações, como um murmúrio de vozes siderais, num celeste concerto indefinível, em que se passassem sons de harpa e violinos de encantados ao cântico de artistas invisíveis que falassem de um amor que é a suavidade e encantamento, um sublime movimento da alma que gravita para a essência da vida, pelos sacrossantos caminhos da perfeição (Ó, 1995, p. 8).

Sileno e Lisiane, ao tomarem ciência de sua missão, compatível às exigências e dificuldades do contexto de crise social, moral e econômica denominada de modernidade pelo autor. O chamado projeto sacrossanto de Sileno e Lisiane revela-se em torno da “viagem” para terra na tentativa de instituir uma nova forma de viver o amor, e construir uma nova civilização. Sob o auxílio de Consuelo, descrita como uma alma a serviço de Deus, estavam unidos “para uma missão de elevada significação espiritual” (Ó, 1995, p. 12).

A abnegação e renúncia dos personagens, permeados de elementos que perscrutam a constituição de um tipo ideal espírito é indiciário da aproximação com o mundo católico e cristão. Em passagem emblemática, Consuelo é alçada à condição de santidade por um mensageiro Celeste que colocou uma coroa de luz, confirmando o dever e a ligação de um investimento de forças superiores, inculcando a coragem necessária para enfrentar as dificuldades para a realização do ideal sacrossanto.

Ademais, diante da declaração de Sileno sobre a civilização pecaminosa e sem esperança que abate o mundo de Deus, Consuelo, por sua vez, em tons de repreensão, afirma o sentido de presença divina e espaço

⁷ Artur Isaia situa a perspectiva educativa de Kardec e seu viés utópico em torno do progresso e do papel dos espíritas na construção de um mundo melhor e fraterno. Desse modo, a reencarnação era “o ponto de partida para pensar sobre o destino humano como continuum, no qual as sucessivas existências corpóreas e as “desencarnações” faziam parte de um mesmo processo. Ao contrário da metempsicose oriental, o Espiritismo do século XIX pregava uma concepção linear e radicalmente evolutiva do destino do homem. Pela lei “natural” do progresso, o homem tendia a um destino radioso. Burilado por encarnações sucessivas, o homem caminhava rumo à perfeição” (ISAIA, 2015, p. .

de reeducação, redenção que o tempo histórico evoca. Corroborando com Consuelo, Lisiane acrescenta que “o mundo é um campo de luta contra si mesmo, contra seus instintos” (Ó, 1995, p. 19), dimensionando tanto a reencarnação como o método de atingir o progresso quanto o processo educativo presente na obra de Fernando do Ó:

e se soubessem fazer perdoando, amando, servindo, o clima espiritual do mundo se modificaria, em função da espiritualidade do homem, a casa planetária não seria o que é – um lugar de luta sangrenta e de desesperadas competições subalternas, onde apenas tomam parte os instintos mal orientados, sem freios nem disciplinas. (Ó, 1995, p. 19).

Essa apresentação pragmática do primeiro contato com os personagens revela a proeminência de Consuelo e Lisiane na narrativa. E, em meio a questionamentos e hesitações da parte de Sileno, é revelada a missão de vinda à terra com fins educativos de um amor de alma, e uma união conjugal sem contato sexual capaz de indicar uma “Nova Era” frente ao planeta marcado pelo sofrimento e pela dor.

A minuciosa descrição do além, retomado de embates e debates acerca da perspectiva conciliatória entre ciência e religião, o caráter moral e religioso assume a direção da narrativa. Os missionários lançam a noção de exemplaridade, abnegação e renúncia de nomes como Francisco de Assis, Teresa d’Ávila, Vicente de Paulo, Joana de Cusa, Estevão, considerados como enviados de Deus para redimir a terra e concretizar o plano divino.

Logo, em meio à preparação reencarnacionista, Fernando do Ó apresenta a “metrópole dos Sacrifícios”, cidade espiritual de elevado teor cuja tradição envolvia de vultos imbuídos de missão de santidade, e constituída de pensadores, místicos, “portento de beleza”, cujas ideias de organização e hierarquia conectam-se a princípios de modernização característicos do século XX, indicando a sensibilidade sobre a noção de espaço e organização urbana, e denotam a conquista do conhecimento e cientificidade:

As universidades, escolas, faculdades, Institutos, conservatórios de música e canto, Centro de Artes e cultura, laboratórios, onde não são estranhos experimentos de ciência sideral aplicada, seu gigantesco bloco de Estudos Universais, onde reponta, com certo destaque, o Esperanto, compreendendo a Terra e todas as Zonas que lhe são afins, seus veículos de excursões de estudo, de socorro, e de assistência, na sua mais sublime modalidade, que lembram helicópteros terrestres, mas de construção que evocam os chamados “discos voadores”, sua população, constituída de homens e mulheres cuja beleza espiritual se expressa no seu todo harmonioso, seus templos de construção diáfanas, dada formação dos elementos utilizados em sua estruturação – tudo lembra ao nosso pobre espírito um pedaço do céu. (Ó, 1995, p. 25-26).

Os capítulos seguintes organizam-se no sentido de revelar uma espécie de prosopografia do grupo espírita e indícios do projeto identitário do autor, já que Lisiane, Sileno e Consuelo serão elementos chaves para desvendar os mistérios das relações humanas estabelecidas, sendo desse modo, o espiritismo considerado a chave de leitura de conexão e conflito entre os envolvidos. Já nas primeiras linhas do intitulado capítulo II, as demandas sociais dos personagens são descritas a partir da crise financeira de Dona Gervásia, tia de Lisiane, e a discussão em torno do aumento salarial:

Você precisa pedir aumento, Lisi, porque o que ganhamos não dá para atender as nossas despesas, aconselhava, em tom enérgico. Não há dinheiro que chegue nesta casa. Só de aluguel pagamos seis mil cruzeiros. Os gêneros estão pela hora da morte (Ó, 1995, p. 27)

Os problemas financeiros são tangenciados com o eixo central da discussão do livro: o casamento e o papel da mulher, em que Lisiane em várias passagens do livro trava difíceis debates com seu pai Demenciano e a tia Gervásia. Um exemplo significativo dessa perspectiva ocorre com o retorno do pai, após anos de afastamento, o que justifica o fato de Lisiane ter sido criada por sua tia, em que o público e o privado são fortemente referenciados. Assim, com o intuito de rebater o casamento arranjado projetado por seu pai, Lisiane posiciona-se ao assinalar: “Acho que casamento é coisa muito séria, de muita responsabilidade, para quem, como eu que só tem um ideal na vida: trabalhar e servir a Deus e ao meu próximo” (Ó, 1995, p. 27).

Demenciano intercala tais explicações com um sentido de compreensão do matrimônio e do papel feminino. Fernando do Ó utiliza-se dos paradoxos para lançar críticas a seu tempo, em que casamento é visto como negócio e arranjo, asseverando suas posturas críticas a elementos católicos. Assim, a partir de Demenciano, o tradicional e o novo tempo indicado pela ação no mundo social dos espíritas são permeados. Demenciano encarna o ideal de homem sofrido, marcado pelo vício, pela jogatina e pelo desajuste em que tais posicionamentos são indicados. Lisiane responde uma postura controvertida, bem distinta do servir a Deus antes mencionado, comprometida com ideias de emancipação e de conquista de direitos femininos: “Você pode ter carradas razões, mas de momento, não quero comprometer-me com quem quer que seja. Não tenho medo do trabalho, paizinho, nem tenho vocação para ser boneca em minha própria casa” (Ó, 1995, p. 57). E conclui em

tons proféticos: “O amor paizinho nunca vem antes ou depois. Ele está sempre em nós, porque é alma, é coração, é sentimento. Não é mercadoria” (Ó, 1995, p. 60).

O trabalho também é outro ponto recorrente e se articula a proposta de cidadania e reabilitação do projeto espírita. Como afirma Artur Isaia (2012), o pensamento social de Kardec relaciona-se a uma ética cívica, onde o trabalho aparece como condição fundamental para o "progresso" (2012, p. 104). Esse ponto fica evidente por ocasião da conversão e reabilitação de Demenciano, e seus percursos de redenção após se envolver com outra operária da fábrica de seu Aprígio chamada Lívica, e o amor capaz de esquecer de uma vida de desatinos, demarcado pelo ajuste a partir do trabalho: “Era urgente conseguir trabalho honesto, abandonando, desde logo, todo o passado” (Ó, 1995, p. 105).

Por outro lado, é a feição consoladora e permeada de princípios morais que configuram o denominado ideal sacrossanto, que coloca a caridade como angular ao espiritismo, o cuidado com as crianças e a orfandade basilares de uma proposta educativa e reformadora do mundo. As sessões espíritas perfilam os personagens envolvidos, aqueles denodados de suas mais plurais missões e à mercê da lei do progresso. As reuniões ocorriam na residência do Major Gabriel, encarnando a referência para os iniciantes na doutrina espírita, e simbolizando uma espécie de voz autorizada a falar em nome do espiritismo, capaz de amenizar a insegurança dos homens e mulheres, imbuídos da missão sacrossanta. Major Gabriel perscruta os ensinamentos da “sublime doutrina”, e encarna uma tradição do espírita, definidos por Fernando do Ó nos seguintes termos:

O major era um homem baixo, gordo, míope, extremamente simpático e bom. Dirigia a sociedade espírita que fundara, havia anos, com dedicação, devotamento e amor. Em todo o rio era conhecido por sua bondade, espírito de sacrifício e, sobretudo, por sua poderosa mediunidade. Recetista e curador, ao mãos a medir, no afã de atender a quantos recorriam às suas faculdades mediúnicas. Não raro o surpreendiam, em suas andanças de caridade, madrugada ao alto ou amanhecer, em plena rua, estugando o passo para atender a todos, no devido tempo, com o passe, a palavra de bom ânimo ou a receita homeopática que lhe sugeria, pelo conduto mediúnico, o incansável apóstolo da Caridade, que é o bom Dr. Bezerra de Menezes. (Ó, 1995, p. 68).

A narrativa sobre o Major Gabriel revela o sentido caritativo do espiritismo, em tempo em que são ressaltados elementos da abnegação e ajuda ao próximo. Em meio à distribuição de agasalhos e gêneros alimentícios aos pobres, em que os ensinamentos do bom Cristão e a figura de Jesus norteiam condutas e práticas do espiritismo cristão, propagado e defendido por eles. Sendo assim, evidencia-se a caridade, o estudo e o amor ao próximo como princípio ético e em acordes com os ideais de progresso e de desenvolvimento da civilização.

A instituição de Major Gabriel, no curso da trajetória do livro, é o estopim do processo de descoberta e inserção dos personagens principais sobre o teor missionário a que estarão engajados. Entre revelações de vidas passadas ligadas à experiência da 1ª Guerra, em que Consuelo e Lisiane atuam como irmãs de caridade, o ideal de santidade traduz no empenho de ajuda aos necessitados com a criação do Lar de Marias, notificados na sessão espírita pelo Seu Aprígio:

Na bela construção, que é obra de todos, abrigaremos crianças de todas as raças, crenças, e cores. Temos capacidade para quinhentas criaturinhas. Nosso amigo Miguel- que Jesus curou por acréscimo de misericórdia, por intermédio de uma santa que hoje ilumina esta casa – supervisionará os trabalhos, assessorado por uma plêiade de companheiros abnegados. A inauguração se dará no Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo. (Ó, 1995, p. 183).

A inauguração também coincidia com casamento dos espíritas, em que dois dos casais Sileno e Lisiane, Consuelo e Sérgio, a partir do que o autor chama de casamento espiritual, incitavam o questionamento sobre as fronteiras do amor e do sexo. A união espiritual e missionária, marcada pelo sacrifício e entrega aos desígnios divinos de serviço e ajuda aos necessitados, edificados pelo lar de amparo às crianças. Uma leitura sobre o papel do espírita revela-se no sentido de que “O espírita deve ser uma criatura de sua época, ensinou-nos o grande missionário que foi Allan Kardec. O Espiritismo não é a doutrina das tristezas. Antes, pelo contrário, é uma religião da paz e da luz” (Ó, 1995, p. 271).

É nesse ponto que inferimos o ápice da narrativa, em que para os personagens espíritas compreendiam o seu papel na reforma moral e a luta individual como sintomáticos da proposta de santificação, e, portanto, uma normativa da identidade espírita:

lançarmos a semente de uma nova civilização, onde o verdadeiro amor universal dará, conosco os primeiros passos no sentido de uniões minimamente espirituais. Não seremos mulheres no sentido carnal da palavra; seremos apenas esposas, embora aquelas sejam tão dignas quanto nós, no rigor do compromisso biológico da perpetuação da espécie. Elas servirão num setor da evolução, e nós, do outro; mas ambos os grupos, serviços do senhor, empenhados no esforço titânico de fazer da terra um planeta de regeneração do amor. (Ó, 1995, p. 299).

Cabe ainda pensar nas aproximações empreendidas sobre o casamento/união espírita e o papel feminino. Nessa lógica, o casamento vem reforçar a mescla entre trabalho religioso e trabalho para atender as necessidades presentes na obra. Consuelo, Lisiane, Miguel e Sileno deixam de prestar serviços na fábrica, e passam a dedicar-se exclusivamente à vida do orfanato: o lar de Marias. Assim, a união espírita do ideal sacrossanto cumpria desígnios de Deus e o projeto construído no plano espiritual, oferecendo o consolo prometido às crianças sem lar, sem amor e proteção.

É nesse ponto que a proeminência feminina assume a leitura de Fernando do Ó, já que a partir de Consuelo e Lisiane que o intelectual espírita reinventa sua compreensão de feminino, apropriando-se de virtudes cristãs, em que a leitura de mulher é voltada para o lar, para “o cuidar”, responsável pela unidade da família, abnegada, altruísta, encarando valores como a humildade, a pureza, e a evolução espiritual sob os quais dos demais personagens gravitam e aprendem. A santidade feminina é o caminho da luz evocado pelo texto, instituído por uma nova forma de viver o amor, e indicativo para a inflexão da Nova era.

A vida de Santo do espiritismo era tomada de dispositivos e controle de conduta, assim, significam o alinhamento de Fernando do Ó à proposta de conciliação da FEB; Fernando do Ó apropriou-se de modelos de santidade, uma vez que os personagens transitavam no que Michel de Certeau chama de “itinerários de santidade”, inferimos tal projeção com pontos de afinidade com o investimento em torno de Chico Xavier, que segundo Lewgoy, corresponde a uma construção de uma noção original de pessoa espírita na fronteira entre um *ethos* católico de santidade, “graça” e “caridade”.

O ideal sacrossanto de renúncia ao sexo e dedicação a servir ao próximo emerge no esforço escriturístico de aproximação de Fernando do Ó ao projeto hegemônico febianiano no âmbito das disputas no cenário religioso brasileiro. É nesse esforço para impor o consenso sobre espiritismo que o ideal de santidade aparece para inculcar valores fundamentais do espiritismo como o sentido de missão, da caridade e da busca do bem comum. Essa ação de cunho moral alcança um patamar extremamente original e profícuo da recepção da obra de Kardec no combate às desigualdades bem como de diferenciação de práticas de enganação e charlatanismo, classificados como “baixo” ou “falso” espiritismo.

Nesse percurso, como já mencionado, a escrita de Fernando do Ó é indiciária do projeto de identidade espírita. Destaca-se a representação do espiritismo como científico, progressista, caritativo e letrado em oposição a práticas considerados como atraso, superstição, portanto, num amplo conjunto de práticas das religiões mediúnicas, a ética cristã sustentou e criou condições para eleger o que é o verdadeiro espiritismo em oposição ao baixo espiritismo.

Ao mesmo tempo em que instituir o espiritismo na “dimensão religiosa” e caritativa significou o alinhamento ao espiritismo cristão e sob orientação da FEB. Desse modo, Fernando do Ó orbitou os valores dominantes da sociedade com que dialoga, assim como, nas entrelinhas de sua escrita, posicionou-se contrário às práticas mediúnicas marcadas pelo conteúdo aético, ágrafo e popular quanto pelo caráter comercial da mediunidade. Enfatizam-se as relações interdiscursivas em que a prática espírita sob o signo da mesa branca, do livro, da educação e da psicografia acenam como indiciárias da identidade espírita, e em oposição às referências africanas da Umbanda, do Candomblé e das Macumbas. Assim, livro e caridade aparecem enquanto práticas compatíveis com ideais de civilização e desenvolvimentismo da sociedade brasileira, em que aponta o espiritismo como chave de leitura fundamental.

Considerações Finais

Diante desses aspectos, é importante situar que tal narrativa literária se relaciona a produção do campo literário espírita e envolve um tipo de experiência literária ligada à cosmologia própria do kardecismo (LEWGOY, 2000), e, portanto, a ordem discursiva do religioso e seu viés de propaganda. O discurso livresco e letrado instituiu-se como a exegese da identidade espírita. Logo, em face da exemplaridade pretendida, a literatura espírita de Fernando do Ó como bem simbólico recorre a valores, como ciência, progresso e a leitura prometeica da humanidade. E, desse modo, delimitou-se a ética e ação espírita no mundo sob a tutela do espiritismo cristão.

Por isso, as coordenadas de Fernando do Ó são bastante peculiares. Recorre ao evolucionismo Kardecista como postura política. A projeção de Fernando do Ó seria a afirmação da fraternidade, do amor, e da sensibilidade e inteligência rumo ao seu aperfeiçoamento moral, capaz de inculcar a fraternidade universal e o progresso civilizatório, uma vez que, sob a tutela do espiritismo, esse sentimento invadiria todos os fundamentos humanos, em torno da espiritualização e do amor ao próximo.

Sendo assim, a obra “Uma luz do meu caminho” significa o ápice dessa projeção e o apelo de uma nova postura ética da humanidade, essa marcada pela caridade e o amor espírita. Essa apropriação de sentidos insere o discurso de Fernando do Ó no interdiscurso espírita, dotado de teores educativos, carregados de uma

mensagem de aprendizado, e como, escreve Eliana Moura Silva (1997), funda a literatura como prolongamento do mito, capaz de buscar a origem, o sentido e o fim para existência humana.

Referências

- AMORIM, Pedro Paulo. **As tensões no campo espírita brasileiro em Tempos de afirmação** (primeira metade do século XX). 2017. 462 f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ARRIBAS, Célia da Graça. **No princípio era verbo: Espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira.** 2014. 255 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil.** Maceió: UFAL, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas – O que falar quer dizer.** São Paulo: Edusp, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (Orgs). **A História Contada.** Capítulos de História Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CORRÊA, Fernando A. R. **Fernando do Ó: a caminho da luz.** Santa Maria: Pallotti. 2004
- CUNHA, André Cavalcanti Seal. **A Invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no médium espírita mais famoso do Brasil (1931-1938).** Tese (Doutorado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
- DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.
- GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- GIUMBELLI, Emerson Alessandro. Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações da pluralidade. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, v. 3, n. 1, p. 79-96, jan./jul. 2012. Disponível: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/325> . Acesso em: 2 jul. 2015.
- ISAIA, Artur Cesar. A república e a teleologia histórica do espiritismo. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido. (Org.). **Espiritismo e Religiões Afro-Brasileiras.** História e Ciências Sociais. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2012, v. 1, p. 103-117.
- ISAIA, Artur Cesar. A Codificação Espírita, a Educação e o papel das Elites letradas. In: 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 2015, Florianópolis. **Anais ...**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015, p. 1-8. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Sess%C3%A3o-Especial-06.pdf> . Acesso em: 3/02/2020.
- ISAIA, Artur Cesar. Chico Xavier: de bem simbólico do Espiritismo ao panteão da Umbanda. Literatura umbandista e identidade religiosa. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 8, n. 24, p. 113-133, jan/abr 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30705> . Acesso em 5 abr. 2020.
- ISAIA, Artur Cesar. Magia, Umbanda e Espiritismo: Ficção, Doutrina e Identidade Religiosa na Obra de Lourenço Braga. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 16, n. 1, p. 1-22, jan/jul 2019. Disponível em: <https://revistafenix.emnuvens.com.br/revistafenix/article/view/354> . Acesso em: 5 fev. 2021.
- LEWGOY, Bernardo **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.
- MATTOS, Renan Santos. **A caminho da luz: a trajetória intelectual de Fernando do Ó no espiritismo brasileiro (1930-1963).** 2019. 331 f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- MIGUEL, Sinuê Neckel. **Movimento Universitário Espírita (MUE) -religião e política no espiritismo brasileiro (1967-1974).** 2012. 331 p. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

- MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 74, p. 47-65, jan/jun. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 25 jan. 2020.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2008, p. 82.
- ROCHA, Alexandre Caroli. **O Caso Humberto de Campos**: autoria literária e mediunidade. 2008. 274 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- SILVA, Eliane Moura. Fé e Leitura: A Literatura Espírita e o Imaginário Religioso. In: **Gêneros de Fronteira**. Cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.
- SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo**: história e poder (1938-1949). Londrina: Eduel, 2005.

Fontes

- PELO Espiritismo. **Diário do Interior**. Santa Maria, 2 abr. 1933, p. 3.
- Ó, Fernando Souza do. **A dor do meu destino**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005. [1959].
- Ó, Fernando Souza do. **Uma luz no meu caminho**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1995 [1963].

Recebido em dezembro de 2020
Aceito em fevereiro de 2021

